

'Emudeceram a voz de Minas'

Estes são os principais trechos do discurso do Deputado Tancredo Neves:

"A Convenção Nacional do Movimento Democrático Brasileiro representa, nesta hora política, o legítimo Congresso do povo mineiro. E assim que vejo este encontro, na responsabilidade de suas decisões, no compromisso da luta cívica, no devotamento às causas nacionais.

O Brasil, como consciência de eternidade, nasceu aqui.

Uma pátria não se constrói, no entanto, somente de riquezas. A abundância de recursos de nada vale, se o espaço territorial não for ocupado de homens dispostos a construir uma nação. E só a liberdade faz as nações. Cedo o entendemos e cedo reivindicamos a liberdade. Reivindicamo-la sempre: nas lutas emboabas, nos levantamentos de 1720 e 1789, com Bernardo de Vasconcelos e Teófilo Otoni, com Antônio Carlos e Juscelino Kubitschek.

Senhores convencionais, esta é a hora de Minas.

Fomos banidos do poder pelos chamados governos revolucionários. Não mais participamos dos conselhos da República. Emudeceram a voz de Minas. A nossa gloriosa província foi reduzida à melancólica situação de um desprezível território submetido ao regime de uma humilhante intervenção. Porque temem a vigilância da nossa honra prescrevem os homens públicos de Minas. Juscelino Kubitschek foi cassado. Pedro Aleixo não pôde assumir a Presidência. Milton Campos porque não compactuava com o arbitrio foi destituído. José Maria de Alkmin e Magalhães Pinto tiveram que amargar na marginalização a desdita da coerência com os seus princípios.

Esta é a hora de Minas. Sua ausência dos centros de decisão coincide deploravelmente com a insânia dos arrivistas e com a cupidez da corrupção. A violência esmagou o direito. A opressão ofuscou a liberdade. O arbitrio eclipsou a justiça. Uma noite de chumbo envolveu a Nação, mergulhando o nosso povo na escuridão do ódio, da intolerância e do medo, no mais estarrecedor dos liberticídios já registrados na história de um povo".

Esta é a hora de Minas. Daquela Minas que não se curva, não se deixa humilhar, não se corrompe, não se rende, não rasteja, não transige e não trai. O voto será a nossa arma para repelir os ultrajes, restaurar a nossa dignidade ofendida, restabelecer os padrões de nossa cultura e a plena autonomia de nossas decisões políticas.

Confiamos que os mineiros, nesta hora sombria para os seus destinos, saberão exercitá-lo com independência, fidelidade aos nossos valores e

com o mais profundo sentimento do nosso orgulho histórico.

Esta é a hora de Minas. A Revolução de 1964, feita em nome da democracia e do combate à corrupção, acabou por destruir a primeira e por institucionalizar a segunda. Fez uma democracia sem povo e sem voto. Nomeia-se o Presidente da República, indicam-se os governadores e um terço do Senado é induzido por inseminação artificial. Não se vota para o provimento dos cargos de prefeito, nas capitais, nas estâncias hidrominerais e em centenas de municípios incluídos na faixa da segurança nacional.

O que nos resta de eleição é um processo comandado pelos donos do poder. Não deixa a oposição se comunicar com o povo, a não ser nos recintos confinados. Tiraram dela a praça pública, o rádio e a televisão. Para que o povo não saiba da verdade amordaçam-na, substituem a informação do Governo pela propaganda falsa e mistificadora, adulteram as sinopses e manipulam abusivamente todos os instrumentos de comunicação.

Mas a Oposição não se deixa silenciar. Valendo-se das estreitas faixas que ainda lhe restam, ela critica, protesta e denuncia.

O Estado onipotente gerou a corrupção sem limites. Bilhões de cruzeiros, segundo foi compelido a confessar o próprio Governo, produzidos pelo trabalho dos brasileiros, serviram para escovar falências, socorrer incompetentes, financiar a fraude e subvencionar o hedonismo de ávidos aproveitadores. Não há dinheiro para aliviar o povo do flagelo da fome, para construir escolas e universidades, para reduzir a calamidade das doenças que minam as resistências físicas da nossa gente, mas sobra dinheiro para os banquetes nababescos da cupidez e do desperdício e para o financiamento de todas as negociatas de ousados aventureiros.

Esta é a hora de Minas. Desmantelou-se a nossa economia. A inflação desabalada e incontrolável subverte orçamentos, consome o salário de trabalhador, leva a aflição a todos os lares. Desestabiliza e arruína a pequena e a média empresa. Inquieta a grande empresa e submete a Nação ao endividamento em bola de neve, que está estrangulando o nosso desenvolvimento econômico e transferindo para o exterior o poder de decisão sobre os nossos destinos. Nossa dívida externa para o próximo ano é superior a oito bilhões de dólares, ou seja, mais da metade de tudo quanto conseguimos obter de nossas exportações fartamente subsidiadas. Nos endividamos para financiar o déficit de nossa balança de pagamentos, ao mesmo tempo que esbanjamos recursos em

obras monumentais e faraônicas que nenhuma melhoria acarretam às condições de vida do nosso povo. Cai o Produto Interno Bruto, o desemprego amplia a sua área, a indústria se contorce nas angústias de uma responsabilidade social, sem poder atendê-la, o comércio trabalha para o fisco e os encargos sociais, enquanto que a agropecuária está sendo levada ao desespero pelo abandono a que foi relegada. Avilta-se dia a dia a qualidade de vida das camadas sociais mais humildes da nossa população. Crescem desmedidamente os índices do nosso empobrecimento, somos o paraíso das multinacionais, enquanto continuamos sem escolas, sem hospitais, sem lar, sem pão e sem afeto, nas ruas das grandes metrópoles. Em lugar de retirá-las do seu odioso destino, joga-se contra elas o aparelho repressor da polícia, não se incomodam os poderosos com a sua fome, incomodam-se, sim, com a sua presença nas ruas.

Seria penoso e chocante lembrar a esta assembléia os sacrifícios impostos a centenas de brasileiros, desaparecidos, torturados, condenados e presos através de ignominiosos processos, que nos cobrem de opróbrio. Aos que morreram, aos que tombaram no campo da peleja, aos proscritos da vida pública no curso de nossa luta, a todos os que sofreram violências e vexames referentes aos seus sacrifícios, homenageamos, em um só vulto, que bem representa na sua dor, na exemplar dignidade e na pureza de suas convicções, o grande mineiro Edgard da Mata Machado.

Fala-se em normalização de nossa vida democrática, mas esta só será alcançada com a pátria pacificada e reintegrada nos seus anseios de paz e justiça. De nada valerá buscar a redemocratização do País enquanto centenas de nossos patriotas continuarem padecendo a ausência da pátria no exílio e centenas de famílias sofrerem a separação de entes queridos que lhes foram arrebatados pelo ódio ideológico. A Nação não pede, ela exige a decretação imediata da anistia, como ponto de partida para a reconciliação de seus filhos.

Esta é a hora de Minas. A mineiridade é um estado de espírito em plena juventude. Possuímos a mais eficiente força de trabalho do País. O trabalhador mineiro é competente, dedicado e dotado de alto senso de disciplina. O arrocho salarial ele o suportou com extraordinária resignação. Reivindicamos com firmeza, mas sem arrogância, tem consciência da dignidade. Estamos afrontados, mas transformaremos o constrangimento na palavra honrada e viril das urnas. O MDB é hoje o estuário da honra de Minas, da austeridade de Minas, do patriotismo de Minas.